

al.ama

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265 [semestral]

online

#25 (tomo 1) Jan. 2022

ARTE PALEOLÍTICA EM AMBIENTE GRANÍTICO NO VALE DO CÔA

6

19

**Porcelana chinesa
de Santa Clara-a-Velha**

**Os grafitos molinológicos
como objecto de estudo
etnoarqueológico**

**A ponte medieval do
Burgo de Vouga**



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

Pormenor da zona central da garganta da Faia, no Vale do Côa, onde se sinalizam as rochas gravadas n.ºs 6 e 19. A última é dada a conhecer nesta edição e confere um renovado interesse ao único local de geologia granítica com arte paleolítica conhecido no mundo.

Foto | © Fundação Côa Parque.



II Série, n.º 25, tomo 1, Janeiro 2022

Proprietário e Editor |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

Sede do editor e da redacção |

Travessa Luís Teotónio Pereira,
Cova da Piedade, 2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | c.arqueo.alm@gmail.comInternet | www.almadan.publ.pt

ISSN | 2182-7265

Estatuto editorial |www.almadan.publ.ptDistribuição | <http://lissuu.com/almadan>

Periodicidade | Semestral

Apoio | Câmara Municipal de Almada / Associação dos Arqueólogos Portugueses / ArqueoHoje - Conservação e Restauro do Património Monumental, Ld.ª / Dryas - Octopétala, Ld.ª / Câmara Municipal de Oeiras / Neóepica, Ld.ª

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Centro de Arqueologia de Almada (c.arqueo.alm@gmail.com)

Conselho Científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Resumos | Autores e Jorge Raposo (português), Luisa Pinho (inglês) e Maria Isabel dos Santos (francês)

Modelo gráfico, tratamento de imagem e paginação electrónica | Jorge Raposo

Revisão | Autores e Fernanda Lourenço

Colaboram neste número | Miguel Almeida, Lara Bacelar Alves, Luísa Batalha, Vera Caetano, Andreia Campôa, Guilherme Cardoso, João Muralha Cardoso, Fábio Capela, Bárbara Carvalho,

Vânia Carvalho, António Chény, Maria João Coelho, Mónica Corga, Miguel Filipe Correia, Luca Antonio Dimuccio, José d'Encarnação, Isabel Cristina Fernandes, Cristina Gameiro, Vanessa Gaspar, Telmo Gomes, Gerardo Vidal Gonçalves, António Gonzalez, Jéssica Iglésias, Catarina Cunha Leal, Paulo Lemos, Luís Seabra Lopes, Armando Lucena, Rui Morgado, Manuel Nunes, Dina Borges Pereira, Franklin Pereira, Adelaide Pinto,

Eduardo Porfírio, Nuno Ramos, Jorge Raposo, José Rebelo, Mário Reis, Jorge Resende, Maria do Céu Santos, Michelle Teixeira Santos, Miguel Serra, Sofia Silva, Rafael Sousa, Humberto Veríssimo e Maurizio Zambaldi.

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan Online* não seguem o Acordo Ortográfico de 1990. No entanto, a revista respeita a vontade dos autores, incluindo nas suas páginas tanto artigos que partilham a opção do editor como aqueles que aplicam o dito Acordo.

Há precisamente um ano, no final de Janeiro de 2021, recebemos com surpresa e consternação a notícia da morte de Bruno Navarro, Presidente do Conselho Directivo da Fundação Côa Parque, à qual imprimiu uma assimilável dinâmica desde que ocupou esse cargo, em 2017. Dotado de uma visão estratégica clara e sólida para a Fundação e o Museu do Côa (ver, por exemplo, artigo que subscreveu na *Al-Madan* impressa n.º 22, em 2019), a sua perda antevia-se difícil de superar pela instituição e pela sua equipa de trabalho.

Felizmente, constatamos não ser isso que sucede, agora sob a gestão de Aida Carvalho, empossada em Março de 2021. A Fundação celebrou condignamente os 25 anos da criação do Parque Arqueológico do Côa em Agosto último, o Museu continua a proporcionar programas apelativos aos seus públicos e as equipas de investigação multidisciplinar instaladas na zona revelam frequentemente novas descobertas. Resultados e experiências foram partilhados, avaliados e debatidos com a comunidade científica nacional e internacional no 2.º *Symposium* do Côa, que o Museu organizou no passado mês de Dezembro, dedicando-o precisamente à gestão e conservação de sítios com arte rupestre. Mas, no plano científico, haviam ficado já evidentes na conferência proferida em Julho por três dos investigadores do Côa, André Santos, Miguel Almeida e Thierry Aubry, numa sessão organizada pela ADECAP - Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular cuja gravação pode ser consultada na Internet (<https://bit.ly/3rIY8B>). Conhecemos cada vez melhor os grupos de caçadores-recolectores que produziram as extraordinárias manifestações artísticas do Côa, o território e as condições ambientais em que o fizeram, bem como a sua integração num modelo cultural com vasta difusão regional.

Nas páginas desta *Al-Madan Online* ficamos agora a conhecer mais um achado excepcional, desta feita no sítio da Faia, onde, 18 a 20 mil anos antes de nós, alguém gravou habilmente um cavalo numa rocha granítica. É a primeira figura paleolítica conhecida nesse suporte em todo o mundo! O estatuto de Património Mundial atribuído pela UNESCO ao Vale do Côa, em 1998, revela-se cada vez mais uma decisão de elementar justiça. O futuro reservar-nos-á seguramente novas descobertas, que consolidarão o sítio e o museu nos planos científico e museológico português e além-fronteiras.

Naturalmente, o Côa não esgota os temas que podem ser encontrados nas páginas seguintes. Trabalhos de arqueologia e antropologia biológica, a par de estudos de materiais e sítios patrimoniais de tipologia e cronologia muito diversificadas, complementados com noticiário de intervenções, eventos e edições recentes, proporcionarão seguramente boas horas de leitura.

Votos de que esta se faça com prazer e saúde, apesar das circunstâncias difíceis que continuamos a enfrentar.

Jorge Raposo, 25 de Janeiro de 2022

A Primeira Marinha de Guerra Romana

José d'Encarnação

[Catedrático de História, aposentado, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra].

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

De Yann Le Bohec se poderá dizer, na plena acepção da frase, que pratica a regra “*nulla dies sine linea*”, atribuída pelo historiador Plínio ao pintor Apeles: não pode passar um dia sem que eu trace uma linha. Na verdade, quase apetece chamar de “avassaladora” a sua produção historiográfica dos últimos tempos, não parecendo querer dar mostras de se preparar para abrandar o ritmo. Abençoado!

Especialista na história da arte da guerra, desenvolveu inúmeros artigos em que aborda os mais variados aspectos do exército romano.

Optou agora por, na colecção *Illustoria* de Edições Lemme, publicar este livrinho quase de bolso e para o grande público, como, aliás, é timbre dessa colecção: disponibilizar, em pequenos livros, o que de mais actual, pela mão de especialistas, se conhece sobre temas que, amiúde, nem sempre foram bem estudados. Lembra-nos os volumes da colecção *Que sais-je?* lançada pelas Presses Universitaires de France, que fizeram as delícias dos estudantes nos anos 1950 e 1960, quando o Francês ainda se mantinha como língua universitária de referência no domínio da História, por exemplo, colecção que viria a ter paralelo, em Portugal, na *Colecção Saber*, de Publicações Europa-América.

Ao falar-se de Romanos, quiçá a primeira ideia que surge é a do legionário, a do exército bem organizado. Sucede, porém, que também no mar os Romanos souberam organizar-se, inclusive para melhor se defenderem da pirataria. Ora, o livro de Yann Le Bohec vem precisamente no sentido de mostrar que, logo desde os primórdios, os Romanos se aperceberam da importância de terem barcos de guerra e não apenas de transporte, ao contrário do que amiúde se refere, na sequência de afirmações colhidas em Políbio e em Diodoro Sículo, chegando mesmo o grande historiador Arnold Toynbee a perorar: “*É evidente que Roma não tinha armada própria em 264*” (antes de Cristo). Houve também quem garantisse que só a partir das necessidades sentidas aquando da I Guer-

ra Púnica é que os Romanos começaram a pensar em se apetrecharem nesse sentido. Só em 1967, mas num livro quase de divulgação que não foi lido com a atenção devida (*Hannibal*. Paris, Hachette, pp. 124-126), é que Gilbert Charles-Picard mostrou que já antes de 264 a armada romana atingira “*um nível de excelência*”, não podendo esquecer-se que, na realidade, desde muito cedo Roma possuía uma marinha mercante e, como é de supor, uma não pode subsistir facilmente sem a outra, a marinha de guerra. É, pois, essa a demonstração que Yann Le Bohec se propôs fazer.

Três povos disputavam, então, o Mediterrâneo ocidental: os Gregos, os Etruscos e os Púnicos. Todos eles com marinhas de guerra eficientes – e Roma também estava obrigada a tê-la. Assim, logo no decorrer do século IV a.C., há notícia da existência de arsenais, do recurso a *socii navales* e às colónias marítimas, à criação do cargo de almirantes (*duumviri navales*), assim como de magistrados encarregados de gerir as finanças navais (p. 38).

Chegaram autores a afirmar – seguindo, mais uma vez, Políbio – que a tática utilizada nas batalhas navais poderia ter sido um pouco à maneira da tática terrestre: feita a abordagem, o ataque desenvolvia-se como se o navio fosse o campo de batalha. Nada disso se poderia concretizar na prática: “*Na realidade, ao assalto seguia-se unicamente uma série de duelos, de combates individuais, homem contra homem. E, nesse momento, o melhor ganhava; normalmente, o romano*” (p. 45). Todos os navios de guerra dessa época eram idênticos, quer fossem romanos, gregos, etruscos ou cartagineses: compridos e estreitos para serem velozes também (p. 52). Os dos Romanos, criados em princípio para as batalhas navais, não deixaram de ser igualmente utilizados em apoio logístico às tropas terrestres e para viagens oficiais. O livrinho apresenta, entre as páginas 52 e 53, uma série de estampas a cores: mapas, desenhos

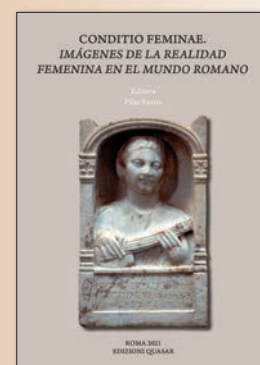


LE BOHEC, Yann (2020) – *La Première Marine de Guerre Romaine (Des Origines à 241 av. J.-C.)*. Chamalières: Lemme Editions. 90 pág. ilustr.

de navios e esquemas de combate. Em apêndice (pp. 63-82), os textos de Políbio relativos às grandes batalhas navais; e a bibliografia essencial (pp. 82-83).

Na sua simplicidade e primando pela clareza da exposição, uma obra que se lê com muito agrado e proveito. 🐼

novidade



PAVÓN, Pilar (ed.) (2021) – *Conditio Feminae. Imágenes de la realidad femenina en el mundo romano*. Roma: Edizioni Quasar.